

Um esquartejado dentro da mala: indagações sobre um criminoso.

Ana Gomes Porto (Unimep)¹

O 'clichê' é a reprodução autografada de uma carta que ontem à tarde nos chegou da cadeia pública, assinada pelo famoso Michel Trad.

Esta carta é mais uma das singularidades desse homem misterioso. Essa natureza indecifrável, que se nos apresenta rodeada de uma sinistra atmosfera de horror e de assombro, numa nuvem de sangue, tem os lineamentos aparentes de um 'gentleman' com refinamentos de sensibilidade educada, com delicadeza de sentimento aristocrático, e com os ímpetos simpáticos das almas sonhadoras e generosas.

Simple habilidade de uma perversa inteligência? Incongruência de um caráter desigual e confuso de degenerado? Quem pode compreender este homem!²

A carta reproduzida pelo jornal paulista *O Comércio de São Paulo* um mês após os eventos que ficaram conhecidos como “o crime da mala”, mostrava a atitude do réu confesso Michel Trad em relação a outro crime, cometido pela invasão de uma casa por um grupo de sírios que deixara uma morte e vários feridos. Uma série de doações foram feitas à família e Trad, mesmo preso, habilitava-se a doar a razoável quantia de 10\$000, bem acima da maioria das doações, que variavam em torno de 2\$000. O comentário acima se refere justamente àquele feito pela folha após a reprodução e pode ser esclarecedor da imagem que se formava em torno de um homem supostamente envolvido em um assassinato considerado frio e brutal.

A “fama” apontada já no início do comentário, a qual, sem sombra de dúvida, o tornou um criminoso célebre pode ser reafirmada pelas inúmeras publicações que geraram o caso. Além disso, entretanto, torna-se singular a existência de uma tensão entre o fato de Trad ter características de “gentleman” e ser, ao mesmo tempo, autor de um crime cruel.

Como veremos, essa característica era intensa nas notícias jornalísticas e darão o tom de mistério das reportagens. Ao mesmo tempo, na produção de romances se tentava

¹ Texto baseado em um dos capítulos da minha tese de doutorado defendida em fevereiro de 2009 no Departamento de História da Unicamp com pesquisa financiada pela Capes e Fapesp. Porto, Ana Gomes. *Novelas sangrentas. Literatura de crime no Brasil (1870-1920)*. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. 2009.

² *O Comércio de São Paulo*, 19.10.1908.

dar ensejo à imaginação e explicar das formas mais mirabolantes os motivos do crime – fato que seria crucial para o ar de “homem misterioso” e possível “gentleman” de Trad no espaço jornalístico, pois, apesar de réu confesso, negava-se a explicar os motivos do crime.

A intenção, neste texto, será expor as formas de apreensão do crime e do criminoso através das diversas publicações em torno de Michel Trad e também daquelas feitas pelo próprio criminoso – um diário supostamente escrito por ele na prisão e publicado ainda em meio ao turbilhão de notícias, além de um livro editado muitos anos depois sobre histórias que ocorreram na *Cadeia Pública de São Paulo*, em que Trad ficou preso após o julgamento e a condenação.

Como foco da análise se tentará compreender os motivos da fama de Michel Trad a partir das suas representações nessas publicações distintas e variadas. Ao mesmo tempo, ter-se-á em mente que não se pode desconsiderar que essas representações foram feitas em meio a um contexto de tentativa de controle cada vez maior da população através de um incremento do aparato policial e judiciário. Da mesma forma, as análises levarão em conta que as narrativas produzidas em torno do caso se fizeram em um momento em que havia um interesse crescente por narrativas de crimes e em que criminosos célebres eram um investimento seguro para editoras de livros, cinematógrafos e jornais.

As Evasões célebres: narrativa de um criminoso-higienista.

*Ainda alguma horas de martírio e estaria livre! Livre desse cárcere infame que deprimia horrivelmente o seu moral e o tornava mau, como só o fora uma única vez em sua vida. Quando matara um seu semelhante.*³

Em 1925, Michel Trad escrevia *As evasões célebres da Cadeia Pública de S. Paulo*,⁴ em que relatava, sob a forma de pequenas novelas, algumas fugas da cadeia. “Os romances da realidade”, definição da obra dada pelos editores, eram uma forma de

³ Trad, Michel. *As evasões célebres da Cadeia Pública de S. Paulo*. “Os romances da realidade”. São Paulo: A. Tisi & Cia Editores, 1925, p. 242.

⁴ Nos periódicos e romance sobre o “crime da mala” a citação do nome do culpado pelo crime variava: Michel, Miguel, Traad, Trad. Utilizarei a grafia presente no livro e registrada de forma manuscrita pelo autor.

comentar as suas impressões sobre fatos ocorridos na cadeia da avenida Tiradentes. Com exceção da primeira história – “Noite Trágica” – as outras versavam sobre episódios que ocorreram na segunda década do século XX, período em que esteve preso.

Embora contasse a história de companheiros de prisão, os editores inseriam as narrativas como “um livro, que, sem ser autobiográfico, reflete nas suas páginas um mundo de emoções e de sensações que em parte define a personalidade psíquica do autor”. Para eles, o autor, “quase que involuntariamente na narrativa desses fatos, foi revelando o seu modo de sentir e de pensar.”⁵ Ao longo das narrativas, posicionava-se como um narrador distante dos acontecimentos cotidianos da cadeia, quase como um estudioso do meio. Na última novela – “Tiro certo” – fazia uma análise do sistema carcerário, que considerava ineficiente:

*É por isso que, não obstante os esforços da polícia e da justiça, a gangrena da criminalidade se alastra em São Paulo de uma maneira espantosa. Porque não se encontrou o modo de lhe apagar o foco mais virulento: a Cadeia. É para ali, que deveriam convergir todos os esforços. É naquele viveiro pustulento, que deveriam ser empregados os desinfetantes mais poderosos. É ali que deveria ser feito o saneamento mais eficaz.*⁶

Como um autêntico higienista, Michel Trad constrói a imagem da Cadeia Pública como um corpo infectado. Considerando-a como um “viveiro pustulento”, ao longo dos episódios narrados e das descrições dos presos e guardas, concluía que na cadeia nasciam novos criminosos pela facilidade de alastramento da criminalidade naquele meio favorável. O famoso preso pensava nos companheiros de prisão como objeto de estudo.

“Um tiro certo” conta a história de Verdotti que fora preso por agressão e cumpriria apenas 4 meses de reclusão em 1914. Ele dividia cela com Antonio Zucchini, um espanhol “perigosíssimo”, pois possuía “todos os requisitos necessários a um delinquente completo”, ou seja, era “insinuante, loquaz, serviçal”.⁷ Verdotti era carroceiro, profissão que lhe proporcionava olhos favoráveis de Zucchini – pois se tratava de um grande ganho a convivência de um carroceiro para transportar as mercadorias roubadas. As amizades feitas na cadeia, conforme o narrador, visavam

⁵ “Aos leitores”. Em Michel Trad. *Op. cit.*

⁶ *Idem, ibidem*, p. 285.

⁷ *Idem, ibidem*, p. 290.

interesses mesquinhos e voltados ao crime. Trad não registrava nenhuma simpatia pelos “que atentam contra a propriedade”:

São indivíduos perigosíssimos. Pois nada no seu aspecto denota a delinquência de que são possuídos. Insinuantes, não raramente dotados de alguma instrução, sabem ganhar a confiança dos inexperientes, que uma falta qualquer, ou a fatalidade, lança entre eles.

Sabe-se quão pernicioso é, especialmente aos jovens, a convivência na vida livre, com um desses indivíduos. É fácil, portanto, imaginar-se o que deve ser a convivência no cárcere com toda uma multidão deles. Vê-los todos os dias; ouvi-los a toda hora; beber, minuto por minuto o veneno sutil que sabem fazer distilar no ânimo de uma consciência ainda em formação, com a narrativa entusiástica das proezas praticadas, com a descrição das venturas gozadas, dos prazeres fruídos...

É a apologia do crime e do vício. Feita com a mesma linguagem de que se servem os outros para decantar a virtude.

Há infelizes que, depois de algumas semanas de estadia nesse ambiente, começam a sentir-se humilhados, por não terem nada de interessante a contar. Por não poderem estar à altura dos seus companheiros de prisão. Por terem ido parar ali, por um vulgar ferimento leve ou por um insignificante defloramento.⁸

Trad assumia um distanciamento ao avaliar a Cadeia Pública, como se ele estivesse naquele espaço apenas para emitir uma análise crítica do meio.⁹ Ao assumir essa postura, criava uma determinada auto-imagem: era um preso que não se deixava levar pelo “vício”, pelo “veneno sutil” daqueles presos “perigosíssimos” que, para ele, eram aqueles que, *de fato*, infringiam as leis por atentarem contra a propriedade: os “quadrilheiros”, ou os “profissionais do roubo, do furto, do estelionato etc”.¹⁰

Embora a sua rotina fosse a convivência com os companheiros, apresentava-se como o criminoso solitário e escritor: desde o pequeno gabinete de trabalho instalado na Cadeia Pública para a escrita do *Mon journal*¹¹ ainda no mês de setembro de 1908 e publicado pelos periódicos, às *Evasões célebres da Cadeia Pública de S. Paulo* e ao próximo volume editado pelos mesmos editores – *A revolução de Julho vista da Cadeia* (com anúncio no final de *Evasões...*).

Talvez lamentasse o seu “destino”¹² através das histórias de outros presos, escrevendo uma narrativa quase autobiográfica, como diziam os editores, o que pode ser

⁸ *Idem, ibidem*, pp. 282-3.

⁹ Em especial no final da narrativa – entre as pp. 281-290 – detinha-se sobre os males da cadeia.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 282.

¹¹ Diário escrito por Michel Trad enquanto esteve preso.

¹² “Acaso” e “destino” foram termos utilizados ao longo de *Evasões célebres...* Como exemplo, ver pp. 161, 173, 191, 301.

visualizado por citações similares às aquelas feitas no início do capítulo. Posicionava-se como um homem que cometera uma única falta e, portanto, não se considerava um verdadeiro criminoso, como aqueles que reincidiam em seus crimes e passavam a ser frequentadores assíduos da Cadeia Pública. Mesmo cumprindo uma pena longa, Michel Trad se identificava com a imagem transmitida pela imprensa: aquela do bom moço, escritor, simpático, elegante e dono de um segredo irrelatável que fez com que, de maneira equívoca, as provas do assassinato de Elias Faraht se voltassem contra ele. Essa situação de mistério ao redor das suas ações criou um efeito de extrema sensação.

Notícias de crime: exemplos de narrativas em torno do crime da mala.

Não se pode negar a importância dos jornais para as representações em torno dos crimes. As notícias sobre o crime em que Elias Faraht fora assassinado, mutilado e colocado dentro de uma mala tiveram importância fundamental para as representações do assassino.

Michel Trad confessaria apenas depois de contar uma versão em que não tivera nenhuma participação no crime de Faraht – apesar do flagrante do marinheiro do paquete em que tentava jogar a mala ao mar. Segundo notícia de *O Comércio de São Paulo*, Jean Joachin espreitava o suspeito passageiro que era o dono da estranha mala com “vago cheiro de carne apodrecida”.¹³

De início, não se falava em um “crime da mala”. Assim, *O Comércio de São Paulo* tinha como título: “Horível estrangulamento. Morte trágica de Elias Faraht. Detalhes e informes sobre o crime sensacional”.¹⁴ As notícias ao redor do crime acompanhavam cada detalhe da investigação e ocupariam quase três páginas desse jornal durante todo o mês de setembro.

O Estado de São Paulo também publicava notícias sob o título “Crime espantoso”. Diários do Rio de Janeiro, assim como o *Correio da Manhã*, *Gazeta de*

¹³ *O Comércio de São Paulo*, São Paulo, 06.09.1908.

¹⁴ A grafia do nome variava entre Farah e Faraht.

Notícias e Jornal do Comércio seguiam o mesmo procedimento e faziam tiragens extras que se esgotavam rapidamente.¹⁵ As inúmeras fotografias, que acompanhavam as reportagens, mostravam a mala, o cadáver, a vítima antes da morte, o assassino e outros envolvidos no caso: os irmãos de Elias, sua esposa (que teria um papel importante ao longo do inquérito); como também a fachada da fábrica de calçados de Faraht, a loja em que foi comprada a mala e muitas outras imagens ao longo das reportagens.

O Comércio de São Paulo exemplifica adequadamente como eram escritas algumas reportagens. Havia muito drama e sensação em uma narrativa que, de forma alguma, aproximava-se do relato informativo, mesmo que a construção se remetesse à plausibilidade histórica. Assim, nada mais adequado do que descrever um crime que acabou de acontecer, acompanhando de perto o seu desfecho.

Além dos comentários acerca da personalidade do criminoso e da brutalidade do crime, a notícia tentava se aproximar da forma como os eventos *efetivamente* se desenrolaram. Com isso, havia a reprodução de possíveis diálogos entre o passageiro e os marinheiros, logo que o primeiro embarcava a mala suspeita no pacote. Da mesma forma, ou seja, tentando realizar uma narrativa que contasse como o episódio “realmente ocorreu”, a cena em que o passageiro estava prestes a lançar a mala ao mar era repleta de suspense. Escondido, o marinheiro acompanhava os passos de Trad:

*O rapaz vinha devagar, olhando os lados. E insensivelmente se foi aproximando da mala um pouco. Limpou a face com um lenço de seda, que estava perfumado, ergueu-se, experimentou o peso.
A mala era pesada. Dois homens tinham custado a carregá-la.¹⁶ O jovem, porém, conseguiu puxá-la. E foi puxando, puxando...
Chegou assim até à amurada. Jean Joachin sentiu o coração bater.
De repente, o rapaz, juntando todas as forças num ímpeto violento, agarrou a mala com duas mãos e tentou levantá-la até à amurada.
Mas, neste momento, o marinheiro Jean Joachin saltou da treva.
- Bandido!¹⁷*

Logo em seguida, os dois homens “se atracaram” e o marinheiro, ao mesmo tempo em que lutava heroicamente com Trad, gritava por ajuda. Com a chegada do comandante, outros marinheiros e alguns passageiros, o rapaz foi detido e a mala aberta:

¹⁵ “Sucederam-se as edições dos jornais, que as aumentaram consideravelmente, para poder atender a constante procura desde as primeiras horas do dia.” *O Comércio de São Paulo*, São Paulo, 06.09.1908.

¹⁶ A mala pesava 99 kg. *O Comércio de São Paulo*, 06.09.1908.

¹⁷ *Idem, ibidem.*

*Um bafo pestilento evaporou-se, estonteante, ao mesmo tempo, que os
circunstantes, davam um grito de horror!
A mala continha um cadáver!
Era o cadáver de um homem.
Reconhecia-se isso pelos seus trajes.
Estava, porém, horrivelmente deformado, todo mutilado.
A cabeça decepada.
Para caber na mala foi preciso ser amassado e socado.
Tratava-se pois de um crime horrendo, com circunstâncias trágicas.
O encontro sinistro do quadro fúnebre causou grande sensação a
bordo.¹⁸*

“Sensação” era mais do que uma palavra naquele contexto de narrativas de crime. Além de definir determinados crimes nos jornais, em especial, aqueles com requintes de crueldade e muito sangue, “sensação” ou “sensacional” eram recursos narrativos. Assim, foram utilizados, de forma geral, em narrativas que tinham o crime como foco e podia-se notar em romances a referência a uma “narrativa sensacional” ou mesmo ao fato de que o “drama” contado por aquela história criaria “sensação” no leitor. Obviamente, “sensacionalismo” (termo ainda não existente em 1908) teria a sua história traçada a partir disso e o fato de se vincular, de maneira geral, a crimes, não seria, portanto, aleatório.

A forma de narrar dessa folha se remete diretamente à ficção em torno do crime produzida na mesma época e publicada sob as mais diversas formas no Brasil daquela época.¹⁹ Assim, a informação vinha na forma de uma narrativa de caráter ficcional. O fato de se tratar de uma notícia não era impedimento para esse processo e se pode verificar que foi uma prática. Portanto, o crime que ocorreu *de fato*, não precisava fazer referência a um arcabouço fornecido pelos meios oficiais de investigação. A reportagem – que também partia do inquérito policial – não necessitava da referência explícita à fonte para exibir um quadro mais real (e sensacional) à cena. A construção de diálogos e os momentos de suspense gerados pelo confronto entre o marinheiro e o rapaz que, no tempo da narrativa romanesca criada pelo jornalista, ainda *não era* Michel Trad, transformavam completamente a forma de se referir ao crime.

Apesar da divisão entre espaço para obras ficcionais e notícias cotidianas, ao se deparar com algumas notícias, como as notícias de crimes, nota-se que os recursos estilísticos utilizados pelos jornalistas eram muito parecidos com aqueles que

¹⁸ *Idem, ibidem.*

¹⁹ Sobre o assunto ver o meu doutorado. Porto, Ana Gomes. *Op.cit.*

circundavam os romances de rodapé. O caráter de “informar”, primordial à reportagem, não era menos informativo por se remeter a determinadas formas de narrar que caracterizavam narrativas ficcionais. Esse jogo narrativo estava misturado, na mesma notícia, ao jornalismo grave e sisudo de comentários sobre o crime. Porém, ao descrever os eventos, os romances de rodapé continuavam dando o tom da reportagem. Mesmo quando se tratava de realizar diligências, muitas das quais supostamente acompanhadas por repórteres.²⁰

Assim que o vapor chegou ao Rio de Janeiro, Michel Trad foi preso e a mala com o cadáver detida. A explicação sobre a condição suspeita em que se encontrava no vapor francês foi escrita em francês, língua que sabia fluentemente. Conforme descrição do jornal, Trad “pôs-se a escrever em excelente letra comercial, sem riscar”.²¹ A sua explicação não revelava satisfatoriamente as perguntas da polícia marítima, pois, de acordo com o rapaz, os culpados eram dois italianos que estavam incumbidos de matar Elias Faraht e o obrigaram a se envolver: desde a compra da mala com uma caixa de zinco ao embarque no paquete, com a intenção de jogá-la ao mar foram ações feitas sob ameaças dos italianos. A morte de Elias, ocorrida em seu quarto (endereço de onde a mala foi levada à Estação da Luz) não foi perpetuada por ele: quando chegou, os dois italianos já estavam com o cadáver dentro da mala e ele não sabia dizer como entraram no local. Portanto, nada sabia sobre como se desenrolaram os fatos até o assassinato de Elias Faraht.

A história não poderia ser comprovada, já que Trad não sabia o nome dos italianos, onde encontrá-los, mal sabia descrevê-los e não possuía nenhuma outra informação. Todas as pistas levavam ao fato de que o próprio Trad havia cometido o assassinato. Segundo *O Comércio de São Paulo*, ele ainda dizia no primeiro interrogatório que pretendia se suicidar, mas desistiu e “encara a vida com desprezo”, pois, de acordo ele, “que me importa viver ou morrer?”²² Houve a abertura de inquérito policial no Rio de Janeiro (onde foi realizada a autópsia e os primeiros interrogatórios), em Santos e São Paulo.

²⁰ Sobre o tema ver o meu mestrado, especialmente o capítulo 2. Ana Gomes Porto. *Crime em letra de forma: sangue, gatunagem em um misterioso esqueleto no prelúdio republicano*. Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2003.

²¹ *O Comércio de São Paulo*, 06.09.1908.

²² *Idem, ibidem*.

Michel Trad tinha 23 anos.²³ Conforme as notícias, aqueles que o conheceram não acreditavam que ele seria capaz de cometer o crime: “Inteligente, falando corretamente vários idiomas, tipo simpático e insinuante, fácil ser-lhe-ia conseguir vantajosa colocação, caso chegasse a de tal necessitar”.²⁴ Em São Paulo havia sido guarda-livros de Elias, que se tornara seu “protetor”. Passara quase toda a infância em Paris e depois começara a trabalhar na casa comercial que Elias Faraht possuía naquela cidade.²⁵ Como informava a *Gazeta de Notícias*, a sua educação foi feita “às expensas do assassinado”²⁶ e ele chegara ao Brasil em junho de 1908. No momento do crime possuía uma sociedade com José Faraht, irmão da vítima, financiada pelo próprio Elias. Ambos tinham alugado uma sala que funcionava como escritório na rua Boa Vista, nº 39 – casa com quatro portas que davam entrada a diversas salas. Trad ainda alugava outra sala, que era o seu quarto.

Trad fora à polícia comunicar o desaparecimento de Elias. Portanto, era expressiva a calma e frieza que fizera conduzir as buscas em torno do desaparecimento de Elias tornando-se, segundo as folhas, solidário aos irmãos e à esposa de Elias enquanto planejava o desaparecimento do cadáver. Esse mesmo comportamento era ressaltado logo após a sua prisão no Rio de Janeiro. Segundo um jornal, o “assassino feroz” recusara o alimento no dia seguinte ao interrogatório, mas passara a “noite calmo, dormindo bem como se nada lhe tivesse acontecido”²⁷

No momento em que a mala foi aberta, logo na manhã do dia seguinte à chegada do vapor ao Rio de Janeiro, “desde cedo os curiosos começaram a afluir em frente ao necrotério público.” Notava-se uma grande concorrência da colônia síria, já que Faraht e Trad eram sírios.²⁸ Novamente, o “mau cheiro que exalava da mala” seria foco de descrições minuciosas, que impressionaram todos os presentes, à exceção de Trad:

²³ Há notícias que dizem 23 anos e outras, 20 anos. A maioria se refere à idade de 23 anos.

²⁴ *O Comércio de São Paulo*, 06.09.1908.

²⁵ As informações sobre o passado de Michel Trad variavam. *O Estado de São Paulo*, por exemplo, diz que ele veio ao Brasil no início do século XX para “tentar a vida” e que conheceu Elias Faraht em São Paulo. Porém, estivera em Paris por algum tempo e depois retornou ao Brasil. O jornal diz que voltou à Beirute por causa de seu pai e que fez escalas em Bordeaux, Paris e Marselha. A história de *O Comércio de São Paulo* é bem mais trágica. *O Estado de São Paulo*, 17.09.1908.

²⁶ *Gazeta de Notícias*. Apud *O Comércio de São Paulo*, 06.09.1908.

²⁷ “Telegramas”. *O Comércio de São Paulo*, 06.09.1908.

²⁸ *O Comércio de São Paulo*, 07.09.1908.

*Uma impressão dolorosa colheu todos os circunstantes.
Só Michel Trad, o autor, assistia impassível ao desmanchar lento da sua obra. Com um lenço encostado às narinas fugiu do suplício do mau cheiro.
Um esforço mais do Vale [funcionário do necrotério] e a tampa saltaria. A mala estava aberta.
Uma onda de gazes nauseantes envolveu os curiosos. Alguns cheiravam bolinhas de naftalina.²⁹*

Ao longo das reportagens sobre o “crime espantoso”, Trad foi se transformando em um homem, de certa maneira, excêntrico. Como mentor e executor do crime havia a relação inicial com uma “fera”, porém, em vista de uma possível informação irrelatável que poderia, talvez, inocentá-lo, mas que ele fazia questão de manter secreta tornava-o um homem menos cruel. Colaborava para essa imagem a inverossímil história dos italianos (que não tinha confirmação alguma) e que poderia (talvez) indicar uma forma de desvio da atenção para o verdadeiro mistério, que ele mantinha guardado. Alguns dias depois, *O Comércio de São Paulo* exibia comentários acerca da postura de Trad. De acordo com o repórter, “a calma deste homem escondeu coisas importantes que o autorizam a proceder desta forma”.³⁰ O envolvimento da esposa de Faraht, a italiana Carolina, ainda incrementaria mais o mistério ao redor de Trad e começava a conceder-lhe certa simpatia.

Havia uma opinião geral de que os “compatriotas do assassino” suspeitavam da cumplicidade da esposa. Segundo a “colônia síria”, Trad possuía um “amor imenso” pela esposa de Faraht, que sempre fora muito cortejada e de quem o marido tinha “excessivo ciúmes”. Portanto, o móvel do crime teria relação com essa “imensa paixão” que o rapaz nutria pela moça:

- Era corrente, assegurou-nos alguém, que Michel Trad vivia apaixonado por Carolina, que não desconhecia isso. Vendo a impossibilidade de converter em realidade tudo quanto anelava, resolveu a morte de Elias. E quando a teria resolvido? Do modo como foi morto Faraht é lícito concluir que o seu assassino de há muito premeditara o crime. O artil de que se serviu o criminoso para atrair a vítima para o local onde a trucidara; a compra da mala na casa de M. Serafim de Moura, da ladeira Porto Geral; o fato do cadáver estar coberto de fitas de madeiras e tiras de papéis, tudo isso é prova o bastante de que o crime fora calma e premeditadamente estudado, tendo sido previstos todos os incidentes que pudessem evitar a perpetração do delito.³¹

²⁹ *Idem, ibidem.*

³⁰ *O Comércio de São Paulo*, 14.09.1908.

³¹ *Idem, ibidem*, 07.09.1908.

A partir das primeiras insinuações acerca da paixão por Carolina, surgiam fatos que provavam que ela e Michel Trad, ao contrário do que declarara a moça, tinham relações próximas. Assim que essas conjecturas passaram a ser consideradas, Trad confessava que cometeu o crime, afirmando que não tinha nenhum cúmplice. A confissão ocorreu depois de uma conversa em francês com Carolina – que foi alvo de inúmeras críticas à polícia paulista, pois os guardas que estavam na sala não entendiam a língua francesa.³² Segundo as notícias, a partir de então, o crime era passional, decorrência da “paixão que o perdeu irremediável e tristemente!”³³ Apesar das conjecturas ao redor do móvel do crime, Trad nunca chegaria a confessar o motivo do assassinato.

Conforme *O Estado de São Paulo*, citando as palavras do 1º delegado no ofício anexado ao “volumoso” inquérito entregue ao Juiz da 1ª Vara Criminal, “D. Carolina Faraht teve com Michel Trad colóquios amorosos e trocas de cartas que, entre senhora casada e moço solteiro, nos termos em que são escritas, não deixam dúvidas a respeito das relações entre os dois.”³⁴ Esse jornal publicava as notícias do crime como *Notícias Diversas*, fornecendo amplo espaço aos comentários acerca do caso. A reportagem de *O Estado de São Paulo* era bem mais referenciada às palavras do delegado do que as notícias de *O Comércio de São Paulo*. Mesmo assim, eram visíveis os recursos

³² Segundo o 1º delegado, defendendo as críticas feitas ao encontro, a permissão do colóquio entre Trad e Carolina tinha como finalidade provar que os dois estavam de comum acordo em relação ao assassinato: “Foi justamente o que desejava a polícia, conseguir e provar, quando consentiu o colóquio em presença de quatro soldados que não sabiam francês, é verdade, mas circunstância que ignoravam os acareados e de que não podiam ter certeza, principalmente quando o francês é corrente entre nós e que há a instruir a força pública, há mais de dois anos (...)” *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11.09.1908 (Reprodução do ofício que acompanha o inquérito entregue ao juiz da 1ª Vara Criminal pelo 1º delegado, pedindo a prisão preventiva de Michel Trad e Carolina Faraht). Segundo Michel Trad, em entrevista ao *O Estado de São Paulo*: “- Se essa conversa tinha caráter íntimo, como é que o senhor não receou que alguns dos soldados a pudesse compreender? – Qual! Olhei-lhes para a cara e vi logo que nenhum deles podia saber francês.” *O Estado de São Paulo*, 18.09.1908. A cena deu vazão a gravuras publicadas no jornal e reiteradas no livro de João Rodrigues Guião (Ruy Flavio). *Memorial de um Morto, história de um criminoso*. Ribeirão Preto: Casa Beschizza, 1909.

³³ *O Comércio de São Paulo*, 09.09.1908.

³⁴ *O Estado de São Paulo*, 11.09.1908. Em julho de 1908, Trad, Faraht e sua esposa passaram uma semana em Santos. Elias Faraht ausentou-se por um dia e Carolina ficou com Trad fazendo-lhe “confidências sobre sofrimentos na vida da família”. Segundo o “Relatório do dr. João Baptista de Souza, 1º delegado”. *O Estado de São Paulo*, 17.09.1908. Ainda nesse mesmo dia, comentava-se sobre as cartas que foram encontradas no quarto de Michel Trad, dirigidas ao “Mr. Dart” e sem assinatura.

narrativos similares à outra folha paulista, com a peculiaridade de se formarem mais imbricados no discurso policial.

É inegável notar uma disputa entre imigrantes residentes no Brasil ao longo das inúmeras notícias sobre o crime. Se a paixão por Carolina “perdeu Michel Trad”, como diziam alguns membros da colônia síria, também havia um consenso de que Elias Faraht fizera uma má escolha ao se casar com a italiana Carolina: “um grande número de compatriotas de Elias Faraht não esconde a sua hostilidade à senhora que o infeliz negociante sírio fora buscar para companheira a uma coletividade estranha à sua.”³⁵

O marido de Carolina era dono de uma fábrica de calçados em que trabalhavam muitos italianos. Ao comentar sobre o testemunho de Filomena, irmã de Carolina, a reportagem não deixa de notar que ela e seu marido tinham um armazém de secos e molhados à rua Anhangabaú, 2B e que, no momento do testemunho, estavam presentes vários italianos, “empregados da fábrica de calçados Faraht.”³⁶

Por certo, ressaltar que a bela italiana havia “perdido” o jovem rapaz sírio era uma forma de isentá-lo da culpa pelo assassinato. Essa era uma das questões que norteavam as indagações da imprensa. Em um dos romances baseados no crime, a disputa entre italianos e sírios é foco de grande parte da narrativa. Assim, a mãe e o pai de Carolina (no romance, Stella), ambos operários, estimulavam a moça (ainda com 17 anos) a se casar com Elias, pois era um homem rico.³⁷ Apesar disso, após o casamento os momentos de tensão entre italianos e sírios – centrados, em grande parte, no comportamento dos familiares de Elias – eram intensos.

Os jornais, portanto, não apenas se utilizavam de recursos narrativos para transmitirem as notícias sobre o crime. Tratavam-se de verdadeiros mediadores entre os eventos ocorridos na delegacia e os leitores. Assim, não se isentavam de divulgar nada, aliás, bem pelo contrário. Com isso, acabavam por refletir certas representações do crime e, principalmente, do criminoso que não podem ser descartadas nas avaliações acerca do caso.

Criava-se, portanto, uma imagem condensada de Michel Trad que traduzia um movimento entre percebê-lo como um criminoso frio e cruel e, ao mesmo tempo, um

³⁵ *O Estado de São Paulo*, 16.09.1908.

³⁶ *O Comércio de São Paulo*, 07.09.1908.

³⁷ Guião, João. *Memorial de um morto, história de um criminoso*. Ribeirão Preto, SP: Casa Beschizza, 1909, pp. 17-24.

homem digno e dono de um segredo que explicava a situação constrangedora do flagrante no pacote. As disputas entre membros de grupos distintos de imigrantes parecem nortear essa representação.

Mon Journal: o diário de um criminoso.

Ainda em meados de setembro os jornais começaram a publicar um suposto diário escrito pelo criminoso desde o dia em que esteve recluso no Rio de Janeiro como suspeito. Mesmo sendo uma nova peça nas inúmeras publicações sobre o caso, permanece a mesma imagem de Trad. Porém, seria especialmente decorrência da publicação do diário que se fixaria a sua representação como um “homem superior” e, portanto, distinto e capaz de agir com total indiferença em relação ao crime. Assim, analisava a imprensa, a polícia e os curiosos que se impressionaram com o crime.

Logo após a infrutífera tentativa de jogar a mala ao mar, Trad era preso em uma cabine, guardada por uma sentinela “armada até os dentes”:

(...). Nesta situação interessante, eu ria comigo mesmo de tais precauções. Os passageiros vinham passar à frente do meu beliche de luxo, e gentis passageiras pediam à sentinela para tomar cuidado para que eu não fugisse. Estou certo de que nessa noite muitas passageiras não puderam dormir de medo que eu fosse assassiná-las em seus leitos. Enfim, vem a manhã e oferecem-me queijo e uma banana para meu regalo. Comi-os com apetite, porque tinha necessidade de readquirir forças. Logo chegamos ao Rio.

Esqueci-me de um fato interessante:

Quando eu estava encerrado no beliche, ouvi uma senhora dizer aos passageiros: - ‘Não repararam que ele tinha mesmo uma cara de assassino?’. Este belo pensamento me fez rir, e eu pensava comigo mesmo nessas mulheres, a quem se mostrava a fotografia da vítima e que, julgando que era o assassino, gritava: ‘ – Que catadura horrível. Se eu me encontrasse com ele na rua, não dormiria a noite inteira! Não estão vendo como tem o ar feroz?!’.

E, entretanto, era o retrato da própria vítima!³⁸

A ironia é evidente no diário escrito por Trad. Com efeito, o comportamento distante e a frieza em relação aos acontecimentos ganhavam uma dimensão maior pelas palavras do próprio acusado. A referência a uma possível confusão gerada por uma senhora que confundia vítima e acusado, concedendo ao primeiro um “ar feroz”, incide para o fato de que avaliar um criminoso pelas suas características físicas não resultaria,

³⁸ “Meu diário”. 03.09.1908. *O Estado de São Paulo*, 22.09.1908. Havia a reprodução de vários dias do diário em um dia de jornal.

necessariamente, em conclusões acertadas. Em paralelo à crítica do reconhecimento de criminosos, Trad floreava as suas palavras e fornecia ênfase ao seu crime. *Mon journal* era mais uma peça literária do que o diário de um criminoso. A sua publicação nos periódicos realça essa característica e amplia o efeito sensacional do caso, que já era destacado pelo título da notícia em *O Comércio de São Paulo* – “Um crime sensacional”.

Em outros dias do diário, que acompanham os eventos seguintes, aquilo que mais chama a atenção é o mistério em torno do móvel do crime. Um dia após a confissão de que foi o único responsável pela morte de Elias Faraht, Trad anotava em seu diário que estava satisfeito com a sua ação da véspera e sentia-se, inclusive, “alegre”.³⁹ Revoltava-se, porém, com o fato da exigência dos motivos do crime, assim como com a confissão sobre o envolvimento de Carolina. Segundo Trad, não importaria os motivos pelos quais assassinou Faraht:

Confessei o meu crime com todo o seu horror e com as suas menores circunstâncias.

Confessei a minha premeditação para cometê-lo; confessei, igualmente, que não tenho nenhum remorso de o haver cometido.

Não é somente isto: eu mesmo estou satisfeito comigo mesmo, porque o meu coração aprova o que eu fiz e a minha consciência está tranquila.

*Depois da agravação do meu caso por uma confissão tão franca, não se está ainda satisfeito. Que se quer de mim mais? Saber o móvel do crime? Certamente. Mas não, já falei bastante, o resto pertence-me.*⁴⁰

Trad não aparentava a menor indignação com a sua prisão. De fato, como dizia em outro momento do diário: “para que chorar e protestar?”⁴¹ Ele desejava a sua condenação e já se acostumava a ela, resignado. Fixava-se a imagem de um homem recluso, porém, sem arrependimentos; possuidor de um segredo irrelatável que justificava o seu ato e apaixonado pela mulher do homem que trucidara brutalmente; elegante e instruído, musculoso e forte; frio, mas capaz de assassinar o seu amigo e protetor. Assim, passaram-se os meses. Michel Trad esperava o julgamento na prisão e se conformava com isso. Como dizia em *Evasões célebres...*, o acaso “brinca com todos nós”.

³⁹ “Meu diário”, 09.09.1908. *O Estado de São Paulo*, 22.09.1908.

⁴⁰ “Revelações”, 11.09.1908. *Idem, ibidem*.

⁴¹ *Idem, ibidem*, 10.09.1908. *Idem, ibidem*.

As publicações sobre o crime.

Durante os meses posteriores ao encontro do cadáver de Elias Faraht, além dos mistérios e da personalidade excêntrica de Michel Trad não foram apenas os periódicos que deram destaque ao caso. Apenas em cinematógrafo, foram exibidas quatro fitas. Em relação às narrativas, *O Estado de São Paulo* aponta:

Sobre o espantoso delito da rua da Boa Vista, crescem e multiplicam-se as publicações. Já apareceram versos em alexandrinos e em redondilha, destilando por entre as pálpebras cerradas do poeta, umas lágrimas amaríssimas. Um prosador anônimo fez a história do estrangulado e agora anunciam-se mais 3 romances novos, todos concordes em reconstituírem a horrorosa cena do estrangulamento e em decorarem-na com os mais fantásticos cenários.⁴²

O crescimento das publicações tem relação com os mistérios ao redor do caso. Apenas na imprensa, as versões do crime se modificavam no espaço de poucos dias e supunha-se, inclusive, que o cadáver da mala não era de Elias Faraht. Mesmo que os romances trouxessem “fantásticos cenários”, a história do crime era plausível: já não se podia prever os mistérios que as atitudes de Trad suscitavam.

Ao menos um dos romances recebeu críticas favoráveis da imprensa, embora elas ocupassem um espaço bastante restrito. *O Comércio de São Paulo* considera que o 1º fascículo de *O Crime da Mala* de Nagib Salemi foi feito com “esmerada forma literária e contendo cenas empolgantes”.⁴³ *O Estado de São Paulo* fez críticas positivas a esse romance e, na sequência da citação acima, continuava dizendo que

Há, porém a fazer exceção ao ‘Crime da Mala’, romance emocionante de Nagib Salemi, pseudônimo sob que se oculta um dos mais festejados escritores paulistas.

O primeiro fascículo, que acabamos de receber, está muito bem escrito e é de uma intensidade dramática que bole com os nervos. Já descreve a cena do estrangulamento e numas tintas tão viva e brilhantes, que chegamos a sentir na espinha um frisson de terror.⁴⁴

Torna-se impressionante a rapidez em que eram geradas as publicações acerca do crime. Os três romances surgiram quando ainda não completara um mês de notícias

⁴² *O Estado de São Paulo*, 24.09.1908.

⁴³ *O Comércio de São Paulo*, 25.09.1908.

⁴⁴ *O Estado de São Paulo*, 24.09.908.

sobre o caso. As fitas para cinematógrafo foram filmadas e exibidas até o final de outubro. Ainda outro romance paralelo ao de Nagib Salemi⁴⁵ foi *O crime da mala ou um criminoso inocente* por Miguel Trad. Esse romance também foi escrito em fascículos, mostrando que essa forma de publicação – mais curta e ágil em relação ao tempo de produção do que o romance – era mais interessante aos editores. Segundo *O Comércio de São Paulo*, “o 1º fascículo trazia algumas revelações inéditas e certamente inverossímeis sobre o mesmo acontecimento.”⁴⁶ Um anúncio do mês de novembro fazia comentários sobre o 3º fascículo:

*Aparecerá por estes dias o 3º fascículo deste sensacional romance. O maior sucesso literário da época. Cenas as mais trágicas e emocionantes. Leitura inteiramente moral. O único romance que mereceu os mais francos e lisonjeiros encômios da crítica, classificado acima de Ponson du Terrail pelo criterioso jornal paulista ‘O Correio Paulistano’. Não é literatura barata, romance de fancaria, dessas produções baratas de esfaquear o público, o que prova a franca aceitação que tem tido, estando prestes a esgotar a 2ª edição ou o 4º milheiro, vindo pedidos de assinatura até dos mais longínquos estados do Brasil.*⁴⁷

Ainda outro romance foi publicado sob a forma de folhetim no *Diário da Manhã* de Ribeirão Preto entre 29 de setembro e 7 de dezembro, sendo feita uma publicação em livro no ano de 1909. *Memorial de um morto. História de um criminoso* foi escrito por João Guião (ou Ruy Flavio) e trazia, assim como os seus similares, a história do “crime sensacional” que tanto “agitara a opinião pública”.⁴⁸ Uma notícia precedeu a publicação do folhetim:

Com a epígrafe – ‘Memorial de um morto’ e os espalhafatosos títulos⁴⁹ acima, deparou-se-nos sobre a nossa mesa de trabalho um volumoso manuscrito, acompanhado de uma carta assinada por um preso da Detenção de S. Paulo, que nos oferece para a publicidade uma série de notas interessantes sobre o crime sensacional de Miguel Trad.

*Desconfiamos dos mortos que falam, todavia o MEMORIAL desse morto tem muita coisa de interessante e, embora não seja uma peça literária, tem ao menos o mérito de epater les bourgeois, o que já é alguma coisa para a imprensa do interior.*⁵⁰

⁴⁵ O romance não foi encontrado e não se sabe de quem era esse pseudônimo.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, 25.09.1908.

⁴⁷ *Idem, ibidem*, 03.11.1908.

⁴⁸ “Preliminar”. João Guião. *Op.cit.*.

⁴⁹ “Crime sensacional – O segredo de uma mala. Enredo de drama, final de comédia.”

⁵⁰ *Idem, ibidem*.

Os três romances, ao menos pelos anúncios e comentários, parecem se assemelhar quanto às intenções e formas de construção narrativa. Conforme a citação, a “multiplicação de publicações” reconstituía as “horrorosas cenas”, ou seja, tinham como objetivo principal descrever o crime e a sua perpetração. É relevante o fato de que o segundo romance – aquele que foi considerado como sendo de Michel Trad – foi foco de críticas. Essa publicação era aquela que trazia “revelações inéditas e inverossímeis”. *Crime da Mala* de Nagib Salemi, contudo, possuía grande “intensidade dramática”, as quais eram decorrência de uma narrativa feita em “tintas vivas e brilhantes”.

A referência ao *fato real* pautava a recepção dos romances acerca do crime. Porém, o segundo romance, apesar do anúncio de que era escrito pelo próprio acusado, e da apresentação de “revelações inéditas”, não era motivo de considerações positivas. A relação com o evento real não era suficiente para tornar as publicações aceitáveis. O fio condutor das narrativas, como era de se esperar, era o crime de assassinato de Elias Faraht. Porém, elas tinham que lidar com as ausências existentes no *crime verídico* de forma a justificá-las, ou seja, não bastava anunciar que o leitor conseguiria decifrar o mistério que norteou o crime e, em especial, as ações de Michel Trad, mas haveria de torná-los verossímeis. Um romance inverossímil não era aceitável enquanto um romance sensacional. Apesar disso, o crime de Michel Trad tornara-se tão misterioso que versões quase fantásticas poderiam convencer os leitores de que eram versões possíveis.

Memorial de um morto, história de um criminoso apresentava uma versão plausível dos mistérios, embora quase fantástica. Mesmo assim havia a referência ao fato de que derivava de um “manuscrito acompanhado de uma carta vindo da Detenção”. Vale lembrar que romances baseados em manuscritos eram comuns em anos anteriores e Aluisio Azevedo, ainda no ano de 1881, escrevera *Memórias de um condenado* baseado em um manuscrito de um preso na casa de Detenção e acompanhado de uma carta.⁵¹

⁵¹ Sobre o assunto ver a minha tese de doutorado. Porto. Ana Gomes. *Op.cit.*

Algumas considerações.

Deve-se fazer algumas considerações em relação às produções em torno do “crime da mala” de 1908. A primeira delas se refere ao fato de que os jornais, naquela época, funcionavam como grandes meios de comunicação.

Assim, mesmo aquelas narrativas em que o caráter ficcional foi explicitado (como os romances) derivam diretamente da produção jornalística que, por sua vez, se faz sobre o discurso de que os repórteres escrevem aquilo que ocorre, efetivamente, nas delegacias. É bem provável que existisse uma proximidade grande entre jornalistas e membros do aparato policial. Porém, uma notícia derivada exatamente daquilo que está no processo pode torná-la mais verídica ainda. Por outro lado, é possível narrar um crime da mesma forma que se narram crimes na ficção, como ficou nítido, em especial, na notícia sobre o flagrante de Michel Trad.

Outra consideração se remete às imagens sobre o criminoso. Ao longo das narrativas sobre o crime fica patente um distanciamento dos eventos que geraram o crime e o olhar do leitor se fixa no criminoso, ao ponto de colocar o crime em segundo plano. Em relação a essas imagens, pode-se dizer que esse caso foi particularmente centrado em criar uma representação do criminoso como um indivíduo fora da normalidade. Porém, em um determinado momento, essa “anormalidade” que se traduzia no crime brutal de assassinato do amigo e protetor e na frieza diante das circunstâncias se transforma em “superioridade”, “elegância”, “sabedoria”.

Estava nessa tensão um dos pontos-chaves para se compreender o sucesso do “crime da mala”, patenteado pelas inúmeras produções ainda no mesmo ano dos eventos. A rapidez com que fitas foram produzidas e exibidas entre São Paulo e Rio de Janeiro, a circulação simultânea de romances que se centravam em desvendar os segredos de Trad são consequência dessa imagem. Havia nela a fixação do caráter célebre do criminoso, mas, principalmente, imprimia-se a celebridade a um indivíduo como Michel Trad.

Com isso, chegamos ao terceiro ponto. Trad não era apenas um criminoso, mas trazia consigo várias condições. Assim, era um membro da colônia síria que tinha, supostamente, se envolvida com a mulher do seu amigo que era uma italiana. O crime era decorrência de algo em que ela estava envolvida (ao menos era isso que se fazia

crer). Portanto, tratava-se de indagar sobre as consequências da imigração e as formas de lidar com os diferentes grupos de imigrantes. Da mesma forma, Trad não era apenas um imigrante, mas era um homem letrado e culto ao ponto de emitir opiniões sobre criminalidade.

Portanto, não se tratava apenas de imagens confusas a respeito de um crime e um criminoso. A representação de Trad, mesmo aquela que está impressa no livro escrito por ele, traz consigo uma forma de impor determinadas condutas consideradas apropriadas e idealizadas para o homem brasileiro. Embora sendo um criminoso, Trad figurou como exemplo.